**O Sacramento da Penitência e Reconciliação**

Organizado por Padre Bernardo, Monge Cisterciense

***Os sacramentos na Igreja***

 Cristo vive e age na sua Igreja e com ela pelos sacramentos. É isso que a Tradição comum do Oriente e do Ocidente chama de “economia sacramental”, que consiste na comunicação (ou “dispensação”) dos frutos do Mistério Pascal de Cristo na celebração da liturgia “sacramental” da Igreja (Cf. CAT n° 1076). Assim, o sacramento é um sinal sensível que comunica a graça de Deus.

 A Igreja tem a missão de revelar o mistério da salvação, a exemplo de Jesus. Para tanto, deve ser sinal que manifeste Cristo, como Cristo manifesta o Pai.

 Sabemos que os sinais indicam uma realidade diferente daquilo que são. Quando um filho recebe o abraço da mãe, sabe que o abraço é sinal do amor dela. Mas aqui, não só é sinal. Também torna presente o seu amor e o faz viver: o abraço que um filho recebe da mãe traz embutido nele o amor carinhoso dela. Da mesma maneira, um sinal sacramental torna presente Jesus Cristo com sua obra salvífica. A ação salvadora de Jesus, realizada na morte e ressurreição, agora se torna presente em cada pessoa, mediante determinados sinais: os sacramentos.

 Santo Agostinho definia os sacramentos como “sinais sensíveis da realidade invisível”[[1]](#footnote-1). O Catecismo da Igreja Católica ensina que o sete sacramentos são sinais e instrumentos mediante os quais o Espírito Santo distribui a graça ao Corpo da Igreja, da qual Cristo é a cabeça (Cf. CAT 1091ss).

 Por meio do Espírito Santo que conduz à “verdade plena” (Jo 16,13), a Igreja reconheceu pouco a pouco este tesouro recebido de Jesus, e precisou sua “dispensação”, tal como o fez com o cânon das Sagradas Escrituras e com a doutrina da fé, qual fiel dispensadora dos mistérios de Deus. Assim, ao longo dos séculos, a Igreja foi discernindo que entre as suas celebrações litúrgicas, existem sete que são, no sentido próprio da palavra, sacramentos instituídos pelo Senhor (CAT 1117).

 Celebrados dignamente na fé, os sacramentos conferem a graça que significam. São *eficazes* porque neles age o próprio Cristo; é ele quem batiza, é ele quem atua nos seus sacramentos, a fim de comunicar a graça significada pelo sacramento. O Pai sempre atende à oração da Igreja do seu Filho que, na epiclese de cada sacramento, exprime a sua fé no poder do Espírito. Assim como o fogo transforma nele mesmo tudo o que toca, o Espírito Santo transforma em vida divina o que é submetido ao seu poder (CAT 1127).

 Os sacramentos foram instituídos por Cristo, e são sete, a saber: o Batismo, a Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimônio. Os sete sacramentos atingem todas as etapas e todos os momentos importantes da vida do cristão: dão à vida de fé do cristão origem e crescimento, cura e missão (Cf. CAT 1210).

***O sacramento da Penitência e Reconciliação***

O sacramento da Penitência e Reconciliação aparece no Catecismo da Igreja Católica a partir do n° 1420, e no Código de Direito Canônico a partir do cânon n° 959.

***O que é a Confissão Sacramental***

AConfissão Sacramental (chama-se também Sacramento da Penitência, Sacramento da Reconciliação, ou simplesmente Confissão) é um verdadeiro e próprio sacramento instituído por Jesus Cristo, por meio do qual, nas devidas condições, são remidos os pecados cometidos depois do Batismo.

Por Confissão Sacramental NÃO deve-se entender qualquer conversa tida com alguém, onde se fala sobre os pecados, talvez com um psicólogo, nem a revelação dos próprios segredos ou problemas confiados a um amigo, mesmo que sacerdote. A Confissão Sacramental acontece com a acusação dos próprios pecados ao sacerdote confessor, com a intenção de receber a absolvição sacramental, com o fim de conseguir o perdão de Deus.

As condições indispensáveis, requeridas para conseguir o perdão dos pecados, cometidos depois do Batismo, são: arrependimento dos pecados, o propósito de não pecar mais, a (devida) acusação feita ao confessor e a aceitação da penitência por ele imposta com a absolvição sacramental.

# *A Instituição do Sacramento da Penitência*

 Cristo instituiu o sacramento da Penitência para todos os membros pecadores de sua Igreja, antes de tudo para aqueles que, depois do Batismo, cometeram pecado grave e com isso perderam a graça batismal e feriram a comunhão eclesial. É a eles que o sacramento da Penitência oferece uma nova possibilidade de converter-se e de recobrar a graça (CAT 1446).

A vontade de Cristo é que toda a sua Igreja seja, na oração, na sua vida e sua ação, o sinal e instrumento do perdão e da reconciliação que “ele nos conquistou ao preço de seu sangue”. Mas confiou o exercício do poder de absolvição ao ministério apostólico, encarregado do “ministério da reconciliação” (2Cor 5,18) – CAT 1442. Na tarde do dia da Ressurreição, apareceu Jesus aos Apóstolos e lhes disse: “*A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim envio-vos eu*. Depois destas palavras soprou sobre eles e disse: *Recebei o Espírito Santo. A quem perdoares os pecados, lhes serão perdoados, e a quem os retiverdes, lhes serão retidos*” (Jo 20, 19-23).

Como Cristo confiou aos seus apóstolos o ministério da Reconciliação (Jo 20,23), os Bispos, seus sucessores, e os presbíteros, colaboradores dos Bispos, continuam a exercer esse ministério. De fato, são os Bispos e os Presbíteros que têm, em virtude do sacramento da Ordem, o poder de perdoar todos os pecados “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

Jesus Cristo, no seu amor, vem em auxílio do pecador por meio de um Sacramento especial. Durante sua vida terrena, perdoou aos pecadores arrependidos, e na Cruz expiou a culpa de toda a humanidade. No dia da sua Ressurreição, deu aos Apóstolos e aos seus sucessores no sacerdócio, o poder de perdoar os pecados em seu nome. Instituiu assim o Sacramento da Confissão ou Penitência e o confiou à sua Igreja.

No nosso dia-a-dia temos às vezes doenças corporais e recorremos ao médico e remédios. Na nossa vida espiritual temos este grandioso sacramento da reconciliação ou confissão para todos os momentos em que fraquejamos na nossa vida espiritual.  Apesar de conhecermos o que não devemos fazer, muitas vezes dizemos não a Deus.

 Há quem afirme que não confessa com um sacerdote, porque pede perdão dos seus pecados durante as Missas, no Ato Penitencial. Porém, existe uma real obrigação de se apresentar diante de um sacerdote em, ao menos, suas ocasiões.

 A primeira, dirigida a todos os católicos que atingiram a idade da razão – definida como sendo aos 07 anos de idade – , indica que todo fiel é obrigado a se confessar pelo menos uma vez ao ano.

 A segunda obrigação é dirigida a todos os católicos que se encontram em pecado grave. O Código de Direito Canônico, no cânon 916, afirma que: “Quem está consciente de pecado grave, não celebre a Missa nem comungue o Corpo do Senhor sem fazer antes a confissão sacramental, a não ser que exista causa grave e não haja oportunidade para se confessar; nesse caso, porém, lembre-se que é obrigado a fazer um ato de contrição perfeita, que inclui o propósito de se confessar o quanto antes.

 Somente ao apresentar-se diante de um sacerdote e confessar seu pecado é que o fiel estará apto a novamente comungar o Corpo de Cristo, já que existe uma íntima relação entre a confissão e a Eucaristia. O Catecismo da Igreja Católica chama a atenção para o caráter preventivo da confissão e da Eucaristia diante dos pecados: “Pela mesma caridade que acende em nós, a Eucaristia nos *preserva dos pecados mortais* futuros. Quanto mais participarmos da vida de Cristo e quanto mais progredirmos na sua amizade, tanto mais difícil dele separar-nos pelo pecado mortal. A Eucaristia não é destinada a perdoar pecados mortais. Isto é próprio do sacramento da reconciliação. É próprio da Eucaristia ser o sacramento daqueles que estão na comunhão plena da Igreja – CAT 1395.

 Se alguém sente que é difícil confessar-se diante de um sacerdote, que é também um homem comum, está precisando reavivar a sua fé e lembrar que o sacerdote está no lugar de Cristo e com os poderes de Cristo. Se acreditamos que este homem pode, pelo poder de Cristo, converter na Missa, o pão no Corpo vivo de Jesus, por que não podemos crer que ele, pelo mesmo poder, pode nos perdoar os pecados? Não importa se o médico que nos opera é bonito ou feio. Importa, isso sim, que ele nos livre da nossa doença. Onde há possibilidade de escolher entre vários sacerdotes, escolhamos aquele que nos parecer melhor, porém é muito importante não deixar de lado o elemento da fé de que o sacerdote está lá para nos ajudar, para nos curar e prevenir contra a recaída no pecado e no mal.

O Sacramento da confissão ou reconciliação é a celebração do perdão de

DEUS quando nos afastamos Dele e dos irmãos.  Este sacramento consiste na confissão dos pecados diante do Sacerdote e, pela absolvição sacramental, DEUS concede o perdão e a paz.

Neste sacramento experimentamos o que de maior que existe: O perdão, que é a máxima expressão do amor, da bondade, da misericórdia de DEUS.  O perdão é a atitude que mais nos aproxima de DEUS.

A CONFISSÃO deve ser sempre uma expressão de CONVERSÃO, de mudança real de vida, no modo de pensar e no modo de agir. E uma grande RECONCILIAÇÃO com DEUS, com a Igreja, e com os outros e com você mesmo.

O Sacramento da reconciliação é uma ocasião para você CRESCER, eliminar suas faltas e pecados; tornar-se melhor diante de si, dos outros e de DEUS.  Ele nos ajuda a formar a consciência contra nossas más tendências e progredir na vida espiritual. CRESCER NA AMIZADE COM JESUS CRISTO.
A confissão é a reconciliação com DEUS e com o próximo necessariamente. Não posso pedir perdão a DEUS e continuar de mal com o próximo. É uma ação simultânea: um supõe o outro.
No sacramento da confissão é DEUS que nos acolhe e nos abraça.  Devemos conservar em nós o desejo de pedir perdão sempre que erramos.
Ao nos aproximarmos deste sacramento devemos ter o cuidado de nos preparar bem para ele, seguindo todos os passos para uma boa confissão que veremos mais adiante.

Não existe pecado sem querer (se isto acontece, é porque já adquirimos o vício de o praticar e assim, cometemos pecado).  Por isso, na confissão você deve acusar aquilo que tem culpa de verdade.  Se não tem culpa, também não tem pecado.  Pode acontecer que você não sinta remorso ou dor na consciência, mas mesmo assim pode ter culpa por um ato praticado (por exemplo  um assassino pode não ter remorso por ter cometido um crime, mas seu ato é muito grave).

***Confissão e absolvição geral para vários penitentes***

Sobre a absolvição comunitária (“dada ao mesmo tempo a vários penitentes”), foram dadas, em 16 de junho de 1972, pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, algumas *Normas Pastorais* (AAS 64, 1972, pp. 510-514), substancialmente incorporadas ao Novo *Ordo* ou *Ritual da Penitência*, promulgado por Decreto da Sagrada Congregação para o Culto Divino de 02 de dezembro de 1973. A regulamentação das situações em que se pode dar esse tipo de absolvição encontra-se no Cânon nº 961. Não se considera razão suficiente para dar a absolvição comunitária o simples acúmulo de penitentes, mesmo que faltem confessores para atendê-los. Além do acúmulo de penitentes e da falta de confessores suficientes, é necessário que se verifique também outra condição: que, se não fosse dada a absolvição comunitária, os fiéis se veriam privados, sem culpa própria, por longo tempo, da graça sacramental, ou da sagrada comunhão.

***Frutos do Sacramento***

Enquanto o pecado nos escraviza, o sacramento da Confissão ou reconciliação nos liberta, aumenta a nossa confiança em DEUS, e faz sentir mais viva a presença e o amor de DEUS.

A confissão ajuda a repartir a angústia, o remorso do pecado que nos atormenta e nos levam a descobrir novos caminhos de liberdade e de felicidade.  No plano psicológico pode até ajudar a nos libertar de doenças por causa da paz de espírito que ele nos proporciona.

# *Quando devemos nos Confessar*

Devem receber o Sacramento da Penitência todos aqueles que cometeram algum pecado depois do Batismo. É, portanto, muito importante confessar regularmente, mesmo os pecados veniais.

Diz o Apóstolo São Tiago: “Cada qual é tentado por sua própria concupiscência, que o arrasta e seduz. Em seguida, a concupiscência concebe o pecado e o dá à luz; e o pecado, uma vez maduro, gera a morte” (Tg 1,14-15). A imagem de uma mulher gestando em seu ventre, durante meses, uma criança é a imagem da pessoa que gesta a iniquidade em seu interior. Aqui está a resposta à pergunta que tantas pessoas se fazem sobre como é possível que tal indivíduo tenha cometido tal barbaridade. Nenhuma barbaridade moral aparece sem um processo que, ainda que oculto aos olhos dos demais, se vai desenrolando no interior da pessoa. Tudo pode começar com uma simples mentirinha, que leva a uma traição, que leva a outras perversões diferentes até que a pessoa se perca em pecados cada vez mais graves. É muito importante é usar nossa vontade para que, com a ajuda de uma boa Confissão, seja interrompido o processo de perdição.

Além de dar-nos a oportunidade de receber a absolvição dos pecados, a Confissão também serve para expor uma dúvida que esteja nos afligindo, para pedir um conselho ao Padre, para pedir uma explicação. Essas coisas podem ser ditas em outra hora, mas no confessionário há também um momento para conversar sobre a vida espiritual e moral.

***A Forma e a Matéria da Confissão***

Jesus Cristo ordenou que no Sacramento da Confissão, os pecados fossem perdoados ou retidos, ou seja, não perdoados ou deixados para uma próxima Confissão. Cabe ao Padre julgar, como juiz que ele é, se há verdadeiro arrependimento. Como o Padre não pode adivinhar os nossos pecados, nós devemos confessá-los, ou seja, declará-los, dizê-los claramente, sem esconder nenhum deles. Os nossos pecados assim ditos diante do Padre constituem a **matéria** do Sacramento da Confissão.

Depois que arrependidos confessamos os nossos pecados, o Padre nos **absolve** com as palavras da **forma** (= fórmula) do Sacramento: *Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.*

Vemos assim que é preciso quatro elementos principais neste Sacramento: a matéria (os pecados confessados), a forma (absolvição pelo Padre), o arrependimento e o desejo de não voltar a pecar.

***Os efeitos da Confissão***

Quando o Sacerdote nos absolve, Jesus Cristo, nosso Redentor, nos perdoa todos nos nossos pecados. Nós, que estávamos afastados de Deus pelo pecado, somos reconciliados com o Pai Celeste, pelo perdão do pecado e da pena eterna. A Confissão nos restitui, nos devolve a graça santificante, a amizade de Deus, bem como os méritos que perdemos por causa do pecado. A Confissão nos traz muitas forças para não mais pecar.

Quando nos arrependemos do pecado e recebemos a absolvição, somos imediatamente perdoados da *pena eterna*, ou seja, não vamos mais para o inferno. Mas continuamos sujeitos à *pena temporal*, à purificação. Para pagar esta pena temporal e poder entrar no Céu perfeitamente puras, as almas passam pelo Purgatório. Lá existe ainda sofrimento, mas este sofrimento tem a consolação de se saber que em breve estarão no Céu, na Felicidade Eterna, vendo a Deus face a face e podendo amá-lo e adorá-lo eternamente.

***Como devemos nos Confessar***

Devemos começar com o **exame de consciência**. Devemos rezar ao Divino Espírito Santo para que Ele nos ilumine sobre nossos próprios pecados. Refletimos, procuramos nos lembrar de todos os pecados que cometemos desde a última Confissão. Podemos ter ofendido a Deus por pensamentos, por atos pecaminosos, por omissões no nosso dever. Devemos avaliar nossos pensamentos, palavras e ações, verificando também se pecamos contra nós mesmos ou contra aqueles com quem convivemos, seja no passado ou no presente. O exame de consciência é uma zelosa, empenhada, sincera avaliação dos pecados cometidos.

Devemos nos lembrar do pecado, mas também do número de vezes que o cometemos e de alguma coisa que possa ter agravado ou diminuído a gravidade do pecado. Tudo isso devemos dizer ao Padre.

Depois do exame de consciência, peça a Deus a graça de sentir um vivo e profundo arrependimento de todos os pecados cometidos, especialmente dos mortais e graves, que ofenderam a Deus, o teu maior benfeitor.

O arrependimento é sentir desprazer e detestar o pecado cometido, com o propósito de não mais pecar no futuro. O ato de arrependimento compõe-se de três momentos: 1. vontade contrária à má ação cometida; 2. vontade que detesta (repugna) a má ação cometida; 3. vontade de não cometer mais, no futuro, a má ação cometida.

O arrependimento deve ser: interior (na mente e na vontade); sobrenatural (movido por um motivo sobrenatural, isto é, enraizado na fé); universal (estendido a todos os pecados cometidos).

O arrependimento pode ser: humano (estamos arrependidos porque temos medo do castigo que receberemos de nossos pais, de nossos superiores, etc. O arrependimento apenas humano não está diretamente ligado ao perdão dos pecados), perfeito (que é o desprazer pelos pecados cometidos, porque são uma ofensa a Deus, Uno e Trino, nosso Pai, infinitamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas. O arrependimento perfeito, unido à vontade de confessar, justifica o pecador – concede-lhe a graça santificante e, se morrer, se salva – mesmo antes da confissão sacramental. Resta-lhe, porém, a obrigação de manifestar ao sacerdote confessor os pecados cometidos.

Arrependidos de nossos pecados, assumimos o propósito de não mais pecar. O *propósito* é a vontade firme de não mais pecar no futuro, e deve ser firme (isto é, o penitente deve ter a vontade sincera de não recair nunca mais no pecado, apesar das dificuldades), eficaz (isto é, o penitente deve não só ter a vontade de não pecar, mas também de usar os meios necessários para evitar a recaída no pecado, especialmente de evitar as ocasiões próximas de pecado) e universal (isto é, o propósito deve estender-se a todos os pecados cometidos, especialmente aos mortais. É suficiente que o propósito seja concebido de forma genérica: “não quero pecar mais”).

Para a validade da confissão de pecados exclusivamente veniais, basta o propósito de querer evitar ou combater os pecados confessados, ou ao menos um dos mesmos. Também é suficiente o propósito de abster-se de uma determinada classe de pecados veniais. Finalmente, basta o propósito de evitar tanto quanto possível, ou ao menos diminuir com maior empenho, o número dos pecados veniais não-deliberados, ou seja, os chamados pecados de fraqueza.

Muitos dos que se confessam frequentemente incorrem na falta de não fazer um propósito sério a respeito de grande parte dos pecados que confessam. É um abuso confessar um pecado de que não se está resolvido a evitar, ou ao menos combater a sério. Infelizmente, este abuso pode converter-se em prática, principalmente na confissão feita apenas por costume, na qual toda vez nos acusamos do mesmo, sem nenhum progresso, sem diminuição do número ou da classe de pecados veniais, sem nenhuma enérgica recusa ao pecado, sem aumento do cuidado para aspirar ao bem. Aqui tem de estar faltando algo. O que falta é o propósito. Adquire-se o costume de acusar-se destes ou daqueles pecados veniais, sem pensar seriamente em lutar com energia contra eles. Há um propósito geral, ou incluído no próprio ato do arrependimento, e por isso a confissão é válida, mas há o risco de perder fruto, construção, propulsão da vida interior. Por isso, de nada adianta nos acusarmos, na confissão frequente, de faltas, infidelidades, ou pecados de fraqueza que não estejamos resolvidos com toda a nossa vontade a evitar ou combater. Contudo, não é possível, ao mesmo tempo e duradouramente, concentrar constantemente toda a atenção e força em um grande número de pontos, de faltas e fraquezas. Por isso, devemos guardar esta regra fundamental: “Pouco, mas bom, com toda seriedade e vontade, com constância e perseverança”.

O propósito, em primeiro lugar, tem de ser *realizável na prática*. Nesse ponto se erra de muitas maneiras. Fazemos, por exemplo, este propósito: Não quero nunca mais na vida ter distrações na oração, nem ser frívolo, nem ter pensamentos de orgulho, etc. Estes são meros propósitos, praticamente irrealizáveis, que só servem para acumular novas ruínas sobre as antigas, arrastando-nos para o desânimo e a tristeza. Para nós, seres humanos, que vivemos sobre esta terra, não se trata de não ter *nenhuma* distração na oração, ou de não experimentar *nenhum* movimento de irritação, de não termos *nenhum* pensamento de orgulho. Trata-se somente de que as distrações, as irritações, etc., não sejam *voluntárias*, e de que quando nos damos conta delas, combatamo-las. Forme-se, portanto, um propósito que realmente possa ser executado na prática, como por exemplo: “proponho-me, quando notar que estou distraído, recobrar-me”; “assim que note que em mim uma irritação, farei um ato de penitência, em conformidade com a vontade de Deus”; “sempre que me aconteça algo desagradável, direi ao Senhor: ‘Senhor, ajuda-me’, ou ‘por teu amor vou suportar isso’.” Se exagerarmos no propósito, não conseguiremos cumpri-lo.

Quando já sabemos mais ou menos o que vamos dizer ao Padre, nos aproximamos do confessionário com respeito e recolhimento. Muitos não entendem bem que a Confissão é uma **cerimônia religiosa**, um rito, e não uma conversa com o Padre. Estamos ali diante de Deus.

É preciso aproximar-se do ministro (padre ou bispo) com as seguintes disposições de alma:

Espírito de fé: O tribunal da penitência é o tribunal de Cristo. No confessor devemos ver a Ele, porque O representa e exerce o poder que d’Ele recebeu (Jo 20,22-23).

Máxima confiança: O tribunal e Cristo é o tribunal da misericórdia, o único no qual se absolve sempre o réu sinceramente arrependido. Por isso, o confessor não se chama juiz, mas padre (= pai), e deve, como Jesus Cristo, estar cheio de misericórdia, enquanto o penitente deve aproximar-se dele com a confiança mais absoluta e filial.

Amor a Deus: Seja sempre tão vivo e intenso que reavive em nossa alma uma verdadeira dor pelos pecados que tivemos a infelicidade de cometer.

Pedimos a benção ao Padre, dizemos quando foi nossa última Confissão, falamos todos os pecados, um após o outro, com o número de vezes que cometemos cada um, acrescentando algum detalhe importante. Se for necessário algum detalhe a mais, o Padre perguntará. Não podemos esconder nenhum pecado grave, porque isso tornaria a Confissão inválida e estaríamos abusando da bondade de Deus. Esquecer-se é uma falha, mas esconder é algo grave, é um delito. Muitas pessoas, por vergonha, escondem algum pecado. O Padre, que não pode adivinhar, dá a absolvição, mas Deus não perdoa uma alma mentirosa. Depois aquela pessoa vai para a Missa e ainda comunga, cometendo o pecado de sacrilégio. Tenhamos sempre sinceridade nas nossas confissões. Se tivermos receio de esquecer algum pecado, podemos levá-los todos escritos em um papelzinho e ler para o Padre.

Quando terminamos de confessar, ouvimos os conselhos do Padre. Sempre aprendemos alguma coisa boa para nossa alma nesta hora. Prestemos muita atenção! E procuremos agir segundo estes conselhos, principalmente quando se trata de reparar algum mal causado aos outros, como pedir desculpas a alguém, devolver algo roubado, etc. O Padre, nesta hora, nos dará a penitência, que rezaremos assim que possível, de preferência logo após a Confissão, em união à Paixão de Nosso Senhor. Depois, ele nos manda rezar o Ato de Contrição, ou simplesmente pede que peçamos perdão a Deus (então dizemos em voz alta o Ato de Contrição). Se ainda não conseguimos decorar o Ato de Contrição, podemos levar escrito em um papelzinho. Após essa etapa, ele nos dá a absolvição.

### ***Por que devemos nos confessar***

Deus, no seu amor paternal, deseja que todos os pecadores voltem para junto d’Ele. Quer que nos afastemos dos nossos pecados, que nos convertamos a Ele, nosso supremo Senhor e fim eterno. Jesus Cristo nos diz no Evangelho: “Fazei penitência, pois o Reino dos Céus está perto.” (Mt 4,17).

Mas para nos ajudar a fazer a penitência, Deus nos dá graças especiais para que tenhamos forças para nos arrependermos de nossos pecados. Ele nos leva a reconhecer toda Sua bondade, toda Sua santidade, e como nós O ofendemos e O deixamos triste quando cometemos nossos pecados. Só mesmo conhecendo a Santidade, a Justiça e o Amor de Deus é que podemos reconhecer como nossos pecados ofendem a Deus.

Deus quer que tenhamos grande arrependimento por nossos pecados.

O que quer dizer “arrepender-se”? Quer dizer não querer de maneira nenhuma continuar com a alma manchada pelo pecado, sentir uma dor profunda por ter traído a bondade de Deus, ter ofendido e entristecido a Deus, que nos ama tanto.

Na nossa família nós temos um bom exemplo do que é o arrependimento quando deixamos nossos pais tristes e ofendidos. Logo vem aquela dor, aquela vergonha e, ao mesmo tempo, a certeza de que eles vão nos perdoar, se pedirmos desculpas, porque sabemos que eles nos amam muito. Com Deus também acontece assim. Com essa diferença: o arrependimento dos nossos pecados nos abre novamente as portas do Paraíso, nos devolve a amizade com nosso Deus, que morreu na Cruz para nos salvar.

Mas se não tivermos o arrependimento, será que Deus nos perdoará dos nossos pecados? É fácil perceber que sem um sincero arrependimento, Deus não pode nos perdoar.

Porém, só o arrependimento não basta! É preciso que ele seja acompanhado pelo bom propósito. De que se trata esse propósito? É a vontade firme e sincera de não mais cometer aquele pecado.

Se tivermos a **contrição** (= arrependimento) perfeita e o firme propósito de não mais pecar, devemos esperar com toda confiança o perdão de Deus. Ele é infinitamente misericordioso, chegando até a enviar seu Filho, o Verbo Encarnado, Jesus Cristo, para morrer pagando nossos pecados.

Essa virtude não serve apenas para que nasça em nosso coração o arrependimento e a dor por ter pecado. Ela nos ajuda ainda a realizar certos atos exteriores, as *obras de penitência*, que servem para diminuir a pena do Purgatório, que teremos de pagar antes de podermos estar no Céu; serve para dominar nossas más inclinações, nossos defeitos dominantes; e, também, para nos fortificar no bem.

São obras de penitência: rezar, jejuar, dar esmolas, suportar com paciência os sofrimentos e contrariedades, aceitar os incômodos da vida. A melhor obra de penitência é receber o Sacramento da Penitência, que é a Confissão.

### ***A Tentação***

Deus quer que a nossa vida aqui na Terra seja um tempo de provação, para podermos alcançar a glória do Paraíso, não somente como um presente mas também como prêmio pela vitória. Por isso Ele permite que sejamos tentados, mesmo que, por nossa fraqueza, estejamos em risco de cometer pecados.

Quando Jesus foi tentado no deserto, o demônio levou-O a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e sua glória e disse-lhe: *“Tudo isso te darei se, prostrado em terra, me adorares”.* Respondeu-lhe Jesus: “*Afasta-te Satanás! Pois está escrito: adorarás ao Senhor teu Deus e só a Ele servirás”.* Então o demônio o deixou e eis que vieram os anjos e O serviram.” (Mt 4, 8-11).

Enquanto vivermos na Terra estaremos sujeitos à tentação. O demônio emprega toda sua astúcia e maldade para fazer com que pequemos e nos condenemos para sempre.

Deus quer nossa vitória, mas ao mesmo tempo Ele quer que nós saibamos reconhecer nossa fraqueza ficando humildes: a luta deve também nos fortificar para que nossa recompensa seja, um dia, ainda maior.

Deus nos ajuda na tentação. Ele é fiel: se Ele permite que sejamos tentados, Ele também nos dá as graças para vencer a tentação. Deus está sempre do nosso lado.

O que fazer quando somos tentados?

Devemos resistir imediatamente à tentação e invocar o auxílio de Deus. Às vezes bastará uma breve oração ou o Sinal da Cruz. Muitas vezes o melhor é não fazer caso da tentação, ocupar-se com alguma outra coisa e acabar esquecendo o desejo do pecado. Devemos evitar as más companhias que podem nos conduzir a ocasiões de pecado.

Sentir uma tentação é pecar?

Não. Só haverá pecado se nós consentirmos na tentação, ou seja, se nós aceitarmos o pecado que a tentação propõe. Mas já é pecado se nos expusermos à tentação, ou não a combatermos com fervor.

A tristeza e o abatimento são os maiores aliados da fraqueza e do mal. Por isso, cultivemos a alegria, e peçamo-la a Deus, porque é um dom do Espírito Santo.

#### **O Pecado**

Muitas vezes não damos ouvidos aos conselhos de Deus, mas consentimos na tentação. Pecamos contra Deus, Sua vontade e Sua ordem. Desobedecemos à Lei de Deus com consciência, querendo fazer o pecado.

O pecado pode ser mortal, grave ou venial.

O Pecado Mortal – O pecado mortal é um pecado sobre matéria grave, onde desobedecemos os mandamentos de Deus ou da Igreja com o desejo claro de ofender a Deus. Para ser mortal, deve haver matéria grave e vontade firme de pecar.

O que quer dizer matéria grave? É a transgressão grave de uma lei de Deus, da Igreja, ou civil.

O que quer dizer vontade firme? Dizemos também: ter pleno consentimento do pecado, ter plena advertência da mente e querer fazer ainda assim. Ou seja, você sabe perfeitamente que aquilo é pecado, você poderia recusar, mas você faz assim mesmo. Todas as vezes que fazemos algo contra os dez mandamentos da Lei de Deus e contra os cinco mandamentos da Igreja, em que há matéria grave e pleno consentimento, cometemos pecado mortal.

O pecado mortal é uma grave injúria que se faz a Deus. Com o pecado mortal o homem se rebela contra seu Criador e Senhor. Deste modo, ofende a Deus, Santidade infinita, e retribui com a mais vergonhosa ingratidão ao amor de seu bondoso Pai e de seu Redentor crucificado.

O pecado mortal é, ao mesmo tempo, uma terrível desgraça para o homem: rouba dele a vida da graça e a amizade de Deus: ele perde todos os méritos que já tinha ganho; passa a merecer a condenação eterna do inferno e os castigos temporais. Enquanto o pecador não se arrepender, estará morto para o Céu.

“É impossível que venha a cometer um pecado mortal o homem que reza com verdadeiro fervor e continuamente invoca a Deus” (S. João Crisóstomo).

O Pecado Grave – É um pecado em matéria grave, mas em que não houve vontade firme de cometê-lo, nem se quis de propósito ofender a Deus ou à Igreja com esse ato.

Citamos abaixo alguns exemplos de matéria grave:

- negar ou duvidar da existência de Deus ou de qualquer verdade de fé ensinada pela Igreja;

- blasfemar contra Deus, Nossa Senhora ou os Santos, proferindo, mesmo mentalmente, títulos ou expressões injuriosas;

- não participar da Santa Missa aos Domingos ou nas festas de preceito sem grave motivo, mas somente por preguiça, negligência ou má vontade;

- tratar de maneira gravemente ofensiva os pais ou superiores;

- matar alguém ou feri-lo gravemente.

- procurar diretamente o aborto;

- cometer atos impuros sozinhos, como a masturbação; ou em companhia de outrem, como no sexo fora do matrimônio, na homossexualidade, ou em qualquer outra forma de impureza.

- roubar objetos ou bens dos outros, de valor relevante; ou subtrai-los com engano ou fraude;

- fraudar os fisco com uma quantia considerável;

- prejudicar gravemente física ou moralmente alguém com calúnia ou mentira;

- cultivar pensamentos impuros contra a castidade;

- omitir-se gravemente no cumprimento do próprio dever;

- receber um sacramento como: Crisma, Eucaristia, Unção dos Enfermos, Ordem ou Matrimônio em pecado mortal;

- embriagar-se ou drogar-se até prejudicar as faculdades da razão;

- calar na confissão, por vergonha, sobre algum pecado grave;

- causar escândalo ao próximo com atos e atitudes de pesada gravidade;

- amaldiçoar pessoas, lugares, coisas, animais ou outros seres vivos.

# O Pecado Venial - É o pecado que não nos afasta inteiramente de Deus, mostra certa negligência do nosso amor e serviço de Deus, mas não chega a ser uma grave traição. Esses pecados podem ser perdoados sem a Confissão, bastando rezar um Ato de Contrição, pedir sinceramente perdão a Deus e não querer fazer mais aquilo. Deus perdoa assim o pecado venial. Eles não acarretam a morte eterna e o inferno, mas não deixa de ferir nossas almas e aumentar nossa estada no Purgatório.

Comete-se pecado venial quando se peca em matéria menos grave, como por exemplo, o roubo de um doce. Podemos cometer pecado venial também por falta de vontade firme de não pecar.

Por isso, a grande importância da Confissão frequente. Mesmo que estejamos arrependidos de ter feito algo que não é grave, mas que consideramos errado, o melhor que temos a fazer é nos confessarmos. Na Confissão, o Padre poderá esclarecer todas as nossas dúvidas, e certamente ficaremos mais tranquilos e felizes por recebermos a Santa Comunhão e vivermos em constante estado de graça.

Mas não é porque o pecado venial seja leve que podemos viver pecando assim. Todo pecado, mesmo venial, é uma ingratidão para com nosso Pai Celeste. Devemos nos esforçar para evitar também os pecados veniais. Além disso, eles nos prejudicam, principalmente quando os cometemos deliberadamente. Perdemos por causa deles muitas graças e diminui em nós o amor de Deus e o gosto pelo Bem. E, depois, com a alma enfraquecida com muitos pecados veniais, logo virão pecados mortais. Como todo pecado, o pecado venial nos traz penas temporais que teremos de pagar ou com nossos sofrimentos aqui na Terra ou com muito sofrimento no Purgatório.

Para levar em nossa vida: Quando, na tentação, me vier um pensamento assim: *... “afinal, isso não passa de um pecado venial”*, responderei a mim mesmo*: “o Divino Salvador na Cruz teve de sofrer também pelos pecados veniais”.*

Comete-se um pecado quando se transgride uma ordem de Deus, *conscientemente e livremente*.

Entretanto, não se comete pecado quando se *ignora*, sem culpa própria, a malícia de um ato, nem quando não se consentiu em um ato. Suponhamos que um menino de dois ou três anos ouve umas palavras más e as repete. Como não pode ainda discernir o bem do mal, não conhece a malícia dessas palavras e por isso não peca. Pelo contrário, certamente há pecado quando, por *mau hábito*, já não se reflete na culpabilidade de uma ação, ou quando se transgride a lei por *negligência própria*, porque uma coisa é não saber, e outra coisa é não querer saber. Aquele que voluntariamente se desvia da verdade, para não conhecê-la, é um desprezador da lei.

***Os efeitos desse sacramento***

 Toda a força da Penitência reside no fato de ela nos reconstituir na graça de Deus e de nos unir a ele com a máxima amizade. Portanto, a finalidade e o efeito deste sacramento é a *reconciliação com Deus*. Os que recebem o sacramento da Penitência com coração contrito e disposição religiosa, podem usufruir da paz e tranquilidade da consciência, que vem acompanhada de uma intensa consolação espiritual. Com efeito, o sacramento da Reconciliação com Deus traz consigo uma verdadeira “ressurreição espiritual”, uma restituição da dignidade e dos bens da vida dos filhos de Deus, entre os quais o mais precioso é a amizade de Deus (Lc 15,32) – CAT 1468.

 Esse sacramento nos *reconcilia com a Igreja*. O pecado rompe ou quebra a comunhão fraterna. O sacramento da Penitência a repara ou restaura. Neste sentido, ele não cura apenas aquele que é restabelecido na comunhão eclesial, mas tem também um efeito vivificante sobre a vida da Igreja, que sofreu com o pecado de um de seus membros (1Cor 12,26). Restabelecido ou confirmado na comunhão dos santos, o pecador sai fortalecido pela participação dos bens espirituais de todos os membros vivos do Corpo de Cristo, quer estejam ainda em estado de peregrinação ou já estejam na pátria celeste – CAT 1469:

Não devemos esquecer que a reconciliação com Deus tem como consequência, por assim dizer, outras reconciliações capazes de remediar outras rupturas ocasionadas pelo pecado: o penitente perdoado reconcilia-se consigo mesmo no íntimo mais profundo de seu ser, onde recupera a própria verdade interior; reconcilia-se com os irmãos que de alguma maneira ofendeu e feriu; reconcilia-se com a Igreja; e reconcilia-se com toda a criação – CAT 1469.

Nesse sacramento, o pecador, entregando-se ao julgamento misericordioso de Deus, *antecipa* de certa maneira o *julgamento* a que será sujeito no fim desta vida terrestre. Pois é agora, nesta vida, que nos é oferecida a escolha entre a vida e a morte, e só pelo caminho da conversão poderemos entrar no Reino do qual somos excluídos pelo pecado grave (Cf. 1Cor 5,11; Gl 5,19-21; Ap 22,15). Convertendo-se a Cristo pela penitência e pela fé, o pecador passa da morte para a vida “sem ser julgado” (Jo 5,24) – CAT 1470.

1. Cf. ROMAN, Ernesto N. *Os Sacramentos para o povo*. São Paulo: Paulus, p. 34. [↑](#footnote-ref-1)